

Bird quer convencer credor a desembolsar mais

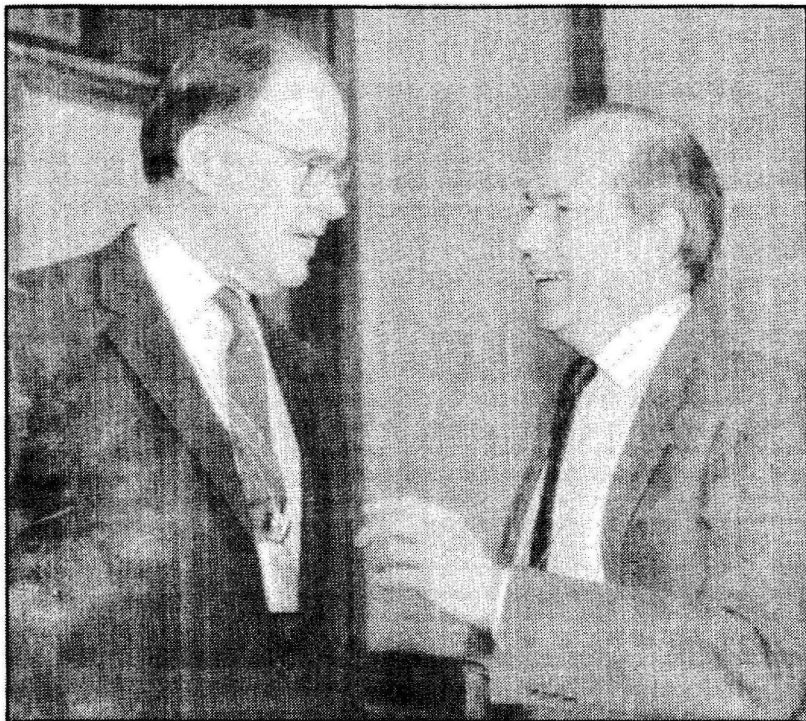
JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — O Presidente do Banco Mundial, Barber Conable, acha essencial haver um crescimento no fluxo de dinheiro novo para os países em desenvolvimento, para que eles possam solucionar o problema da dívida externa. Pelos seus cálculos, daqui em diante será preciso repassar cerca de US\$ 17 bilhões líquidos por ano a esses devedores, para uma recuperação real. Por isso, em sua opinião, tanto o Bird quanto o FMI devem liderar um movimento político para convencer os credores a desembolsar novos créditos.

“Precisamos conversar sobre a mobilização de apoio político para restaurar o fluxo de recursos financeiros para os países em desenvolvimento. Precisamos esclarecer — aos órgãos públicos, aos parlamentos e ao setor privado — por que isso é um passo vital, e para mostrar também que é do interesse deles mesmos que isso venha a ser feito” diz um documento confidencial escrito por Conable, enviado ontem ao Comitê de Desenvolvimento do FMI.

O texto de Conable, obtido pelo GLOBO, ocupa 19 páginas. Contém uma ampla avaliação da situação atual, notando que os desembolsos dos bancos comerciais diminuíram cerca de 20% ao ano de 1980 a 1986. E, além disso, o documento registra a receita do Presidente do Bird para se enfrentar o problema da dívida com eficiência. Uma de suas idéias é a redução do débito: “Se o volume de empréstimos diretos não for compatível com os objetivos de crescimento dos países que vêm executando programas de ajustes, a diferença terá de ser coberta pela redução do serviço da dívida”, afirma Conable.

“Mesmo nos países em que a solu-



Conable (à esquerda) e Camdessus encontraram-se na reunião do FMI

ção do problema da dívida baseada no fluxo de dinheiro novo parece hoje viável, a redução do débito seria útil, particularmente para facilitar a saída dos bancos pequenos — em especial se os fluxos adequados de dinheiro novo deixarem de se materializar”. “Sob este aspecto, o Banco Mundial pode ter um papel maior, facilitando essa redução através de técnicas baseadas no mercado. Já estamos, hoje, analisando várias possibilidades nesse sentido”, diz ele.

Em sua opinião, os devedores devem manter uma taxa de crescimento de pelo menos 4% a 5% para con-

seguir uma expansão econômica e, ao mesmo tempo, recuperar a sua credibilidade. Os atuais superávits comerciais, segundo ele, são uma espécie de miragem, já que são produzidos através de redução das importações.

Conable lembra, ainda, que desde 82, início da crise da dívida, o Banco Mundial tem sido a maior fonte de dinheiro novo para os devedores. Os empréstimos mais do que duplicaram nos últimos quatro anos: passaram de US\$ 2,8 bilhões, em 1983, para US\$ 6 bilhões, no ano passado, como ele esclarece.